



IDENTIDADES E COOPERAÇÕES PAN-AMERICANISTAS ATRAVÉS DO SUPLEMENTO LITERÁRIO *PENSAMENTO DA AMÉRICA*

DOI: 10.48075/ri.v25i2.30191

Louise Tanajura Ramos¹

RESUMO: Este estudo investiga as estratégias adotadas pelo governo de Getúlio Vargas, entre os anos de 1942 a 1945, para viabilizar a construção de um sentimento nacional juntamente com uma união em relação às repúblicas americanas. Tais estratégias encontram-se expressas sob uma ótica cultural e política nas páginas do suplemento *Pensamento da América*, do jornal *A Manhã*. A partir do momento em que as culturas nacionais divulgadas nas páginas do suplemento produziam um sentido com o qual a população pudesse se identificar, construíam-se as identidades pautadas, sobretudo, no ideal pan-americanista. Para tanto, constitui objeto central desta reflexão compreender o conteúdo publicado no *Pensamento da América* como elemento para a construção das distintas cooperações entre Brasil, Estados Unidos e as demais nações latinas americanas ao longo dos primeiros anos da década de 1940. O suplemento *Pensamento da América* inaugurava um tipo de publicação que ao mesmo tempo em que possibilitava uma afirmação do Estado Novo e de suas relações diplomáticas abria um espaço para empreender uma atração cultural entre os povos, por perceber que a arte e a literatura poderiam aproximar “espiritualmente” as nações americanas.

Palavras-chave: Pan-americanismo; Estado Novo; Pensamento da América.

PAN-AMERICAN IDENTITIES AND COOPERATION THROUGH THE LITERARY SUPPLEMENT *THOUGHT OF AMERICA*

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Pós-Graduada em Direito Educacional. Atualmente Servidora Pública Federal no cargo de Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). E-mail: lou_tanajura@hotmail.com

ABSTRACT: This study investigates the strategies adopted by the government of Getúlio Vargas, between the years 1942 to 1945, to enable the construction of a national sentiment along with a union in relation to the American republics. Such strategies are expressed in a cultural and political perspective in the Thought of the supplement pages of America, the newspaper The Morning. From the moment in which the national cultures disclosed on pages supplement produced a direction with which the population could be identified, the identities were constructed guided primarily in the ideal pan-Americanism. Therefore, the main object of this reflection is to understand the content published on the Thought of America as an element for construction of different cooperation between Brazil, the United States and other Latin American nations, during the first years of the 1940. The supplement Thinking of America inaugurated a type of publication that while a statement that allowed the New State and its diplomatic relations opened a space to undertake a cultural attraction among the people, to realize that art and literature could approach “spiritually ” American nations.

Keywords: Pan –Americanism; New State; Thinking of America.

INTRODUÇÃO

[...] uma árvore absurda, partida em duas frondes que, separadas no tronco por somente cinco polegadas, se repudiam e dividem no alto um rasgão e um vazio de metros. O tronco é um, a seiva é uma, e a espécie e o gênero também, mas a árvores teve o louco humor de não ver as duas frondes. De ramo a ramo, não corre nenhuma palpitação emocional comum, e sua raiz única parece um mito.²

Esta é a representação do continente americano, afastado por uma aparente herança cultural, com particularidades e ritmos de vida que apontavam para origens europeias diferentes, apesar de manter uma mesma raiz histórica. Um pensamento que vigorou durante séculos e que esteve na base do discurso de colonização e exploração da América. No entanto, essa cisão continental tão arraigada na essência política e social teve no Brasil a tentativa de superação, principalmente, durante o governo de Getúlio Vargas, a partir do Estado Novo (1937-1945). Foram criados, nesse período da história, mecanismos de “cooperação continental”, atrelados a uma tendência pan-americanista³, que pareciam um sistema nervoso capaz de permitir que o povo brasileiro conhecesse o continente em que

²Espiritualidade Chileno-Brasileira. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1945, p.146.

³ O termo pan-americanismo aparece, segundo Luiz Cláudio Santos (2004), pela primeira vez na edição de 27 de junho de 1882 do jornal *New York Evening Post*, durante a campanha do secretário de Estado James Blaine, com o objetivo de conformar um *zollverein* comercial que unisse todo o continente americano. “Pan” dava uma ideia de totalidade e união. O prefixo tornar-se-ia essencial para a política imperialista dos Estados Unidos, que galgava na América sua área de influência.

eles viviam: “uma diplomacia espiritual que procurava superar a guerra nas almas e criar as constantes da concórdia”⁴.

Dentre as temáticas contemporâneas estudadas sobre o continente americano, poucas dão seguimento às redes de relações que buscavam uma integração entre as nações latino-americanas e os Estados Unidos. Uma relação marcada por uma longa história, mas que nem sempre é estudada com o rigor merecido, apontando as experiências do passado como um eficiente mecanismo de compreensão para os desafios dos processos constitutivos atuais.

No horizonte deste artigo está a busca do entendimento e das estratégias adotadas pelo governo de Getúlio Vargas, nos anos de 1942 a 1945, para viabilizar a consolidação do sentimento nacional juntamente com o de união em relação às repúblicas americanas, expressas sob uma ótica cultural e política nas páginas do suplemento literário *Pensamento da América*, publicado inicialmente nas páginas do jornal oficial do Estado Novo, *A Manhã*.

Como explica Ana Luiza Beraba (2008), o *Pensamento da América* foi produzido de agosto de 1941 a fevereiro de 1948. A delimitação temporal aqui se restringirá aos anos de 1942 a 1945, ou seja, a partir do momento em que o suplemento passa a ser produzido mensalmente como fascículo independente do jornal *A Manhã* até o ano final do Estado Novo. Esses quatro anos estabelecidos marcaram a consolidação da imprensa como instrumento estadonovista, atrelada a um departamento de propaganda política na construção das tendências de representação conservadora do Brasil e da América.

Logo, seguirão reflexões acerca do conteúdo publicado no *Pensamento da América* como elemento histórico fundamental para a construção das distintas cooperações entre Brasil, Estados Unidos e demais nações americanas ao longo dos primeiros anos da década de 1940. Procurar-se-á entender o significado das escritas e da frequência dos textos, manchetes e imagens referentes aos Estados Unidos e à América Latina; a existência ou não de diferenças na estrutura, linguagem e foco de atenção das matérias de produção latina e “estadunidense”⁵.

⁴Espiritualidade Chileno-Brasileira. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1945, p.146.

⁵ Após a Guerra Civil americana (1861-1865) os diversos habitantes dos Estados Unidos adotaram uma identidade comum. Relegaram, para tanto, suas pequenas “pátrias locais” em nome de uma unidade nacional. O termo disponível, segundo Santos (2004), foi a palavra “americano”, que trazia em seu significado um atrativo ideológico conceitual: nascia dos escombros da guerra não só um país unido em prol do progresso e da democracia, mas um novo estilo de vida associado a uma ideia que lembrava todo um rico e estratégico continente. O termo que será utilizado aqui para os nascidos nos Estados Unidos será “estadunidense”,
[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°2, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

É nesse contexto de “cooperação” que o novo governo lançou o projeto de construção de uma nova identidade brasileira, a partir de uma própria interpretação da americanidade. Uma complexa rede de relações traçadas por intelectuais brasileiros, “estadunidenses” e latino-americanos, envolvidos em um lugar de sociabilidade, de aproximação cultural e que gerava um ambiente fértil de produções textuais e iconográficas no *Pensamento da América*. Conseguiu apresentar ao grande público brasileiro textos clássicos de autores como Alfonso Reyes (mexicano), Cecília Meireles (brasileira), José Martí (cubano), Gabriela Mistral (chilena), Mário de Andrade (brasileiro), Pablo Neruda (chileno), Walt Whitman (“estadunidense”).

Longe de ter um caráter definitivo, a ciência histórica assume um discurso *mutável e problemático* dentro das esferas humanas de constante reconstrução. Nos últimos tempos, a História política adotou um ímpeto renovador, capaz de fornecer subsídios teóricos consistentes para viabilizar este estudo. Para tanto, a conformação de novos conceitos inter cruzados – uma História política associada aos elementos sociais e culturais – são procedimentos analíticos desenvolvidos no quadro teórico que fundamenta o estudo proposto, visto a partir da principal fonte de pesquisa: o suplemento *Pensamento da América*.

É dentro dessa nova História política que se encontra este artigo, beneficiando-se das múltiplas referências disciplinares para entender o conceito de poder como uma maneira de se relacionar socialmente. Será, portanto, esta natureza plural dos poderes que viabilizará o estudo das redes de relações da política externa do governo Vargas e suas implicações na política interna de motivação para o fortalecimento nacional. Como afirma Francisco Falcon (1997, p.119), “[...] poder e política passaram ao domínio das representações sociais e de suas conexões com as práticas sociais [...] os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder”.

Pensamento da América foi um passo da integração política e cultural entre as Américas, contribuindo não apenas para o que se pensava ser o franco progresso do espírito nacional brasileiro, mas, sobretudo, para a construção das memórias das sociedades atuais marcadas por uma longa teia histórica.

corretamente aspeado, pois, como explica Tota (2000), não existe em inglês uma palavra que defina os habitantes dos Estados Unidos se não americanos. “Estadunidense” existe em português e faz parte da minha concepção dos estudos das Américas, enquanto nacionalidades carregadas de princípios culturais e históricos. “Americano” será usado para tudo que se referir aos limites geográficos do continente.

ATRAVÉS DO ESPELHO PAN-AMERICANO: UMA INTERPRETAÇÃO BRASILEIRA

Certa vez, a poetisa chilena Gabriela Mistral, ganhadora do Prêmio Nobel de literatura de 1945, pronunciou em um de seus escritos mais carregados de historicidade, *O Grito*, o que poderia ser o ideal de uma cooperação pan-americanista: *América, América! Tudo por ela, pois dela nos virá o bem ou a desgraça*. Por trás desse entendimento existe, porém, uma sedução das ideias coletivas que perpassam o ambiente econômico e alcançam uma esfera espiritual de interiorização daquilo que queríamos *ser*: um continente rico, livre e próspero.

Para tanto, o contexto em que se situa este artigo é o golpe que instaurou o Estado Novo, o processo ideológico de americanização do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, os históricos planos políticos de cooperação das Américas, enfim, discussões referentes às origens do suplemento *Pensamento da América* que conduziram a questões importantes.

Os cinco primeiros anos que se seguem ao golpe de 1937 foram justamente marcados pela busca do governo por uma consolidação do poder estatal. Aqui, a peça fundamental desse controle repressivo foi a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), organizado em 1939. Este órgão tinha como função divulgar os ideais do regime junto à população. Por conseguinte, Juarez Bahia (1960, p.80) define esse momento da história do jornalismo brasileiro como o de maior popularização da imprensa escrita, voltada, sobretudo, para a manutenção da ordem. Afirma ele: “a não ser alguns boletins que circulavam clandestinamente pregando a redemocratização do país e o respeito aos postulados constitucionais, o expressivo grupo de jornais e revistas, maiores exigências que não as de boa remuneração e fartos favores aceita a tutela do DIP”.

As propagandas, dessa forma, reforçavam no imaginário social a função do Estado, isto é, de força reguladora da vida coletiva, capaz de elevar os níveis de modernidade e autonomia do país. Daí a fundamentação discursiva dos ideólogos estadonovistas da consolidação de um *novo Estado* brasileiro, que rompia com as amarras do passado decadente e singrava rumo ao desenvolvimento.

Logo, era essencial para o governo associar seus objetivos com os valores e crenças já existentes na sociedade, forjando uma identificação imediata entre o imaginário nacional coletivo e a nova realidade, fosse pela sedução ou pela força, afinal todo o poder político é acompanhado do monopólio de uma força simbólica. Nesse sentido, o que as propagandas

faziam eram apropriar-se dessas imagens incorporadas pela sociedade e adaptá-las às suas necessidades políticas, reforçando-as ou atribuindo-lhes um novo significado.

Para Pierre Bourdieu (1989), a força simbólica está imersa em um *poder invisível* que é afirmado pelos próprios sujeitos que a ele estão subordinados. As artes, as religiões e as línguas desses sujeitos seriam estruturas estruturantes desse poder, construído, a partir de uma realidade voltada para a integração social, ou seja, para uma concepção determinada do mundo em que se vive. Por isso, a força simbólica seria a base da fundamentação para uma reprodução de uma ordem social, disposta pelos sujeitos que exercem esse poder. Se por um lado os símbolos e os valores que compõem o imaginário coletivo são frutos de um construto histórico, por outro serão nesses mesmos símbolos e valores que o governo se assentará para formar as identidades e até mesmo para equacionar os mecanismos de legitimação do controle social. O Jornal *A Manhã*, por exemplo, era um órgão oficial da política de Vargas que começou a circular diariamente em todo o Brasil a partir de agosto de 1941, o qual tinha como função exaltar a imagem do líder a um público o mais diversificado possível. Com essa aproximação traçada, ficava mais fácil solidificar o ideal de coletivo, essencial para a ordem e à unidade prevista.

O impacto da Segunda Grande Guerra (1939-1945) propiciará novos rumos à política cultural de Vargas, como também novos parceiros no hemisfério ocidental. Tota (2000, p.19) discorre acerca do momento:

O Brasil era visto [pelos Estados Unidos] como um importante parceiro no hemisfério. Americanizar o Brasil, por vias pacíficas, era, pois, tido como o caminho mais seguro para garantir essa parceria. A americanização da nossa sociedade quebraria possíveis resistências à aproximação política entre os Estados Unidos e o Brasil.

Os Estados Unidos buscavam tomar as rédeas do continente americano, exportando simpatias em prol da união de uma política de solidariedade fundamentada em um discurso teórico de pan-americanismo ao invés da dominação explícita e violenta. De fato, o Brasil posicionou-se a favor do plano de “americanização”, mas sem perder de vista sua originalidade, mantendo os ideais de fortalecimento nacional e com uma própria interpretação cultural e atração diplomática.

A partir dessa premissa, perscrutará novas relações entre os Estados Unidos e a América Latina, pautadas na força e no poder, como também nas mútuas transformações

intercruzadas pelos imperativos políticos, econômicos e culturais. Todavia, esse ideal de cooperação continental na América não é fruto unívoco do desdobramento da Segunda Guerra Mundial. De acordo com Santos (2004), as discussões em torno dessa integração remetem-se a Simon Bolívar e James Monroe no bojo dos processos de independência americana do século XIX.

O discurso ideológico dos Estados Unidos, a partir de 1880, e com maior vigor nos anos de 1940, em decorrência das ações da Política da Boa Vizinhança, invocava de maneira infável os precedentes de Bolívar. O que nasceu como pólos opostos de legitimações americanistas transformou-se em uma continuidade reafirmada, moldada de acordo com as necessidades históricas.

Na década de 1940, o “americanismo brasileiro” encontrou no governo de Vargas ferramentas capazes de se efetivar. A adesão do Estado Novo a essa política “estadunidense” reflete-se por meio do suplemento literário brasileiro de difusão pan-americanista, intitulado *Pensamento da América*. Explica Beraba (2008, p.10): “*Pensamento da América* foi o suplemento dominical do Jornal oficial do Estado Novo, *A Manhã*. Foi publicado regularmente, de agosto de 1941 a fevereiro de 1948, e era encarregado de divulgar em suas páginas tudo o que fosse relativo ao espírito pan-americano”.

Para Tota (2000), a Política da Boa Vizinhança de Roosevelt era, no momento, o instrumento mais eficaz para a execução do plano de “americanização” e de tudo que ele representava para o Brasil: uma “americanização” aos moldes brasileiros, e não como uma negação dos princípios nacionais, isto é, a política externa e a industrialização financiada pelos Estados Unidos seriam utilizadas por Vargas para fortalecer a política interna, a economia e a segurança nacional. O *Pensamento da América* divulgou esse ideal de reaproximação cultural: foram apresentados textos da história, dos fundadores da nacionalidade de cada país, descrições geográficas e humanas que no mínimo trocavam elementos comuns que comungavam com o Brasil a característica americana.

De fato, os intelectuais brasileiros da década de 1940 estavam interessados em fomentar uma identidade nacional brasileira a partir de suas próprias raízes culturais. Saíam de suas *torres de marfim*, isolados do mundo real, para se envolverem nas questões de ordem política. Dessa forma, as tradições, os símbolos e os heróis passaram a ser exaltados em nome de uma doutrinação voltada para a “brasildade”. Como explica Ana Heloísa Molina

(1997, p.100), “a recuperação do passado adquire espaço essencial no discurso que busca mostrar o novo Estado como o realizador do futuro”.

O suplemento, criado em meio a um ambiente de guerra e de alianças entre Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, conseguiu adaptar em suas páginas o discurso traçado originalmente pelos Estados Unidos de que este seria o legítimo sucessor dos ideais de Bolívar, o Libertador. Ora, a necessidade de trazer os países latino-americanos para o círculo de influência “estadunidense” não pela força, mas por uma concepção espelhada da solidariedade americana, foi a base para a construção de um diálogo entre o “bolivarianismo” e o “pan-americanismo”, pondera Livia Lopes Neves (2012). Do Panamá, Angel Aloy escreveu para o *Pensamento da América*, em 1942, tomando como base esse raciocínio:

[...] [e] agigantavam-se a figura inconfundível e única do Libertador, ao contemplarmos como se concretiza o seu pensamento e a sua obra, através da palavra, da ação e do exemplo de Franklin Delano Roosevelt, em que deparamos um irmão espiritual de Bolívar, pela ampla compreensão do destino da América e pela sua fé em fazer do Novo Mundo a maior nação da terra conforme as palavras do Libertador, na celebre Carta de Jamaica.⁶

O que faz da década de 1940 central para os desdobramentos temáticos de cerne nacionalista e internacionalista são os planos de intenção sistematizados pelas instâncias deliberativas do Estado Novo a partir de um reconhecimento da cultura brasileira; uma preocupação em consolidar um ideal de união entre as nações americanas através de mecanismos práticos, como é o caso do suplemento *Pensamento da América*, para aproximar culturalmente os povos que outrora carregavam uma herança colonial, a qual impedia a consolidação de laços e reafirmava as diferenças históricas e geográficas, dificultando o fortalecimento estrutural da nação brasileira.

O suplemento *Pensamento da América* trazia em suas páginas uma conduta ideológica estadonovista, ou seja, foi um suplemento produzido pelo DIP em nome do espírito pan-americanista, consonante não apenas com uma política nacional, mas, sobretudo, voltado a uma política externa de cooperação continental. Assim, o novo Estado nacional conseguiu articular com os mecanismos práticos que assinalavam a grandeza das suas inovações em prol da modernidade do país, minimizando, por exemplo, uma ordem de

⁶ De Bolívar a Roosevelt. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1942, p.27.

dependência agro-exportadora a favor da industrialização, os princípios legitimadores da estrutura política estabelecida pós-1937, afirmados a todo o momento pelas revistas e jornais coordenados pelo DIP.

As mudanças estruturais do suplemento (formato e periodicidade) estavam alinhadas a um momento de grande importância na História Internacional: a entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro de 1941, após o ataque japonês à base de Pearl Harbor, e o apoio do governo brasileiro a esse país, em 1942. O mais importante dessas mudanças é compreender o posicionamento de Vargas frente aos ideais pan-americanistas, e como a partir daí se apresentaria no suplemento essa concepção. O editorial de 22 de janeiro de 1942 aponta indício dos significados ideológicos pretendidos:

[...] o *Pensamento da América*, que até hoje conserva uma característica meramente literária e artística passará a revestir também um caráter político. Surge ele na hora culminante da vida americana. [...] Os mais representativos líderes continentais – entre os quais queremos por em destaque os nomes de Franklin Delano Roosevelt e Getúlio Dornelles Vargas, símbolos da América nas duas regiões que abrange o continente – já têm dito em palavras memoráveis da solidariedade integral de sentimentos, de ideias e de aspirações, que nos reúnem a todos os povos americanos, no momento dramático que estávamos vivendo.⁷

Dentro da conjuntura internacional de 1940, estabelecer laços fraternos entre as “repúblicas irmãs”, como também aproximar a necessidade política do Estado Novo de viabilizar a causa nacional com o jogo diplomático, era imprescindível para galgar proveito da situação e consolidar-se na esfera continental.

Com base nesses princípios de defesa do território americano e de solidariedade entre os povos, ia-se fomentando uma identidade nacional condizente às necessidades pan-americanas. No caso específico do objeto desta proposta, o norte da discussão conceitual centrará na reconstrução do elemento identitário voltado a um “americanismo brasileiro”. Eis aí o lugar da definição do significado do pan-americanismo ao longo do suplemento, uma vez que ocorreu uma interpretação brasileira desse discurso ideológico.

Ao lidar diretamente com as manchetes, os editoriais, artigos, as pequenas notas e muitas das entrevistas traduzidas nas páginas do suplemento, visualiza-se a riqueza dessa fonte para a seguinte reflexão: qual a relação entre o foco dado às matérias

⁷ Explicação deste suplemento. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1942, p.01. [Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°2, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

“estadunidenses” e as intenções que geriam os artigos produzidos sobre os países latinos, ao longo de uma compreensão do processo histórico em que o governo estava envolvido. Trata-se de evidenciar as leituras do passado, a partir dos elementos selecionados pelo Estado Novo em prol das políticas culturais. Logo, o significado histórico das hierarquias e das omissões; as circunstâncias e os objetivos que tal projeto se desenvolveu. Ao final, a pretensão é contribuir para o conjunto de estudos historiográficos que tem como cerne a relação do Brasil com os países americanos, no que se refere à discussão do princípio nacional dessas sociedades.

Através desse espelho denominado de pan-americanismo existe uma interpretação brasileira dos fatos, relativo a esse espírito de cooperação continental. Ao longo dos anos de 1937-1945, a América Latina não foi inserida passivamente na Política da Boa Vizinhança, como afirmou Ronaldo Machado (2004) em seu artigo Entre o centro e a periferia. No fantástico mundo de Alice no país das Maravilhas, ao atravessar o espelho a personagem título depara-se com um mundo novo. Trata-se do posicionamento de Getúlio Vargas nesse contexto histórico relatado. O mundo para o qual vamos nos transportar insere-se em uma nova perspectiva, não mais aquela em que o Brasil esteve passivamente enlaçado na “americanização”. Talvez seduzido, sim, pelo modo de vida americano e pela possibilidade de alcançar o progresso econômico, mas buscando o seu próprio lugar na esfera continental, quiçá na ordem mundial, consolidando seu sentimento de nacionalidade.

TERRAS AMERICANAS: HIERARQUIAS E OMISSÕES DO SUPLEMENTO

Historicamente, o processo de construção da nacionalidade está envolvido ao desenvolvimento de uma consciência nacional, isto é, o sentimento de participação e compromisso por parte dos cidadãos. Sendo assim, a legitimidade de um governo residiria na reciprocidade entre o Estado e a nação, vistos como mecanismos necessários para qualificar o monopólio sobre os meios de obediência, aceitação e compromisso. Dessa abordagem teórica, segue a concepção de que não apenas os valores políticos estão compreendidos no elemento nacional, mas também os valores sociais e culturais. De acordo com Elisa P. Reis (1988, p.188): “as construções do Estado e da nação dizem respeito a processos dinâmicos que interagem continuamente com as práticas concretas de classes e grupos com as quais desempenham um jogo de influências mútuas”.

Percebe-se por entre as vozes ressoantes das publicações do suplemento *Pensamento da América* que os temas mais frequentes nas páginas do suplemento passaram a ser divididos, entre os anos de 1942 a 1945, em três categorias principais: política, diplomacia e cultura.⁸ Até março de 1943, o periódico contava com 7 manchetes políticas estampando a primeira página, 4 diplomáticas e 4 culturais. As manchetes políticas em geral estavam direcionadas aos acontecimentos envolvendo os Estados Unidos e o Brasil. A capa de julho de 1942 apresentava os princípios brasileiros de “solidariedade”, rechaçando o ataque japonês a base militar “estadunidense” de Pearl Harbour, no oceano Pacífico, na manhã de 07 de dezembro de 1941. Dizia ainda que:

O pan-americanismo, que foi até bem pouco tempo uma aspiração – e já hoje, de resto é uma realidade política – saiu do âmbito doutrinário das conferências e dos limites materiais das trocas econômicas, para o amplo terreno social; para a vida superior nas universidades, para os centros literários e artísticos; para o gabinete de trabalho dos homens que estudam e pensam, sentindo que através das distâncias se deve formar no Novo Mundo uma consciência defensiva e uniforme – e consciência de que somos todos “americanos” e temos, por isso, muitos interesses comuns.⁹

As manchetes de caráter diplomático davam ênfase à cooperação das Américas, afirmando, principalmente, a importância do chanceler Oswaldo Aranha na consolidação desses laços no Brasil. Por sua vez, as manchetes de cunho cultural acabaram assumindo uma perspectiva direcionada para os elementos latino-americanos, como a publicação de dezembro de 1942 que prestou uma homenagem ao poeta mexicano Alfonso Reys, considerado pelo suplemento um incentivador dos “traços de união entre os povos do continente”¹⁰, por meio de sua vasta atividade intelectual.

Nesses anos, o *Pensamento da América* traçou um importante diálogo cultural com autores americanos, até bem pouco tempo desconhecidos nos círculos literários brasileiros. A partir dessa aproximação, novas roupagens políticas e diplomáticas foram produzidas aparentemente com a intenção de desfazer o mito de que reinava nos países do Novo

⁸ Cabe, antes de continuar essa reflexão acerca das omissões e hierarquias condizentes às matérias de cunho político, diplomático e cultural, traçar de forma breve a diferença entre as duas primeiras categorias temáticas. As matérias consideradas por este trabalho como “diplomáticas” davam ênfase às relações exteriores planejadas e executadas em prol da cooperação pan-americana. Já os temas referentes às matérias “políticas” objetiva enquadrar determinadas ações do Estado para alcançar uma boa relação com os países amigos, protegendo, com isso, os interesses e a segurança nacional.

⁹ Solidariedade. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1942, p.121.

¹⁰ Fuga de Natal. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1942, p. 213.

Mundo certo separatismo de ordem cultural e histórica. A ideia que estampou as páginas do suplemento nos anos de 1942 a 1943 partia da premissa de que qualquer que fosse a origem étnica ou a forma das instituições de cada povo haveria sempre uma unidade americana.

Em janeiro de 1942, o suplemento publicou uma entrevista do embaixador “estadunidense” no Brasil, Jefferson Caffery, que reforçava a sua versão sobre as características da “americanização”:

São as mesmas que caracterizavam um bom vizinho. Primeiro, a compreensão mútua e por meio dela uma apreciação simpática do ponto de vista alheio. Apenas deste modo poderemos construir um sistema no qual a confiança, a amizade e a boa vontade serão os elementos fundamentais.¹¹

De fato, Getúlio Vargas aderiu a esse discurso, mas não deixou em nenhum momento de afirmar que a união estabelecida era em nome da “nação brasileira”: de sua segurança e do seu desenvolvimento. Era necessário para o bem do Estado Novo, e tudo o que ele representava nas esferas antiliberais, deixar claro para o público leitor do suplemento *Pensamento da América* que a solidariedade americana não se tratava de uma negação da soberania nacional a favor apenas das práticas políticas, econômicas e culturais dos Estados Unidos. Foram várias as matérias publicadas em diferentes momentos, que traçavam uma interpretação do pan-americanismo e o que esse ideal representava para a população brasileira.

O foco dessas matérias estava voltado para uma explicação histórica do processo de consolidação das relações pan-americanistas. A importância do suplemento consistia em explicar para a população brasileira, na grande maioria desconhecadora das relações externas que o governo traçava (dos seus círculos de influência política com a América Latina e os Estados Unidos desde o período Imperial, dos acordos e dos planos de ação), o que era de fato a união pan-americana.

Na publicação do dia 21 de junho de 1942, uma pequena nota dá conta de explicar que “a união pan-americana, fundada em 1889, em consequência de uma resolução da I Conferência Internacional pan-americana, é uma instituição de que fazem parte as vinte e uma Repúblicas do continente americano, por intermédio dos respectivos embaixadores e

¹¹ Entrevista com o Embaixador Jefferson Caffery, dos Estados Unidos. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1942, p. 02.

ministros (...)”¹². Logo, as principais atribuições da união era fomentar as relações intelectuais, comerciais, jurídicas e econômicas entre os países da América, bem como promover a paz e o bom entendimento mútuo entre os mesmos.

O governo brasileiro, seguindo esse raciocínio, havia, desde o período Imperial, construído laços importantes com os demais países da América. Iam-se delineando nas páginas do *Pensamento da América* semelhanças e identificações forjadas pelo interesse político de uma histórica “solidariedade”. O discurso conservava, ainda, apesar da ideia de um *novo Estado brasileiro*, elementos do passado, evitando romper a ordem e a hierarquia social historicamente estabelecida. Dizia:

A identidade de aspiração e o sentimento de união entre os povos do nosso hemisfério justifica a consagração de certas datas que, recordando feitos memoráveis, ideais básicos ou figuras tutelares de tantas nações enlaçadas pela geografia e pela História, no espaço e no tempo – servem para constituir um calendário continental espontâneo e tacitamente reconhecido.¹³

O Brasil esteve sempre apoiando o pan-americanismo: essa foi a concepção que acompanhou todas as matérias do suplemento entre 1942 e 1945. Foi o primeiro país a aceitar o monroísmo, “disposto a cooperar sem restrições para o engrandecimento solidário do continente”¹⁴. À frente dessa aliança estavam brasileiros como José Bonifácio, Rio Branco, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, sem deixar de citar, sobretudo, a importância de Getúlio Vargas para a consolidação do pan-americanismo no Brasil.

Era importante para o Estado Novo expressar uma antiga identificação brasileira com a solidariedade americana. O suplemento *Pensamento da América* inaugurava um tipo de publicação que ao mesmo tempo em que possibilitava uma afirmação do Estado Novo e de suas relações diplomáticas, exaltando, por exemplo, a função do Chanceler Oswaldo Aranha no exterior, abria um espaço para empreender uma atração cultural entre os povos, por perceber que a arte e a literatura poderiam aproximar “espiritualmente” as nações americanas. Por outro lado, os elementos políticos passaram a estar sempre em evidência, fosse exaltando algum líder, como o artigo intitulado “Washington”, publicado em 25 de outubro de 1942, que enfatizava “o herói da liberdade americana” por ser o “criador do

¹² O que é a união pan-americana. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1942, p. 197.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

primeiro povo soberano do mundo ocidental”¹⁵; ou fosse a matéria de 28 de março de 1943, intitulada “O desabrochar duma cultura norte-americana”, que ao trazer no título uma lembrança artística disfarçava em seu conteúdo uma concepção ideológica que apontava para o contínuo crescimento do poder “estadunidense” sobre a América. Dizia “que os Estados Unidos estão fazendo progresso no acesso à cultura por forma nova e palpitante” e assim, não restava dúvida, de que “a base democrática foi ampliada”¹⁶.

Constata-se que entre as manchetes, os editoriais, os artigos, as pequenas notas e muitas das entrevistas traduzidas nas páginas do suplemento foram produzidas, aproximadamente nessa fase até o ano de 1943, cerca de 30 matérias com foco nos Estados Unidos e que tinham no título referência ao país. Dessa quantidade, 20 estavam direcionadas a temas políticos, apenas 1 publicação voltada à diplomacia e 9 dando ênfase à característica cultural do grande “irmão do norte”.

A sedução política dos Estados Unidos expressava-se no suplemento *Pensamento da América* por meio da ênfase dada ao modo de ser “estadunidense”. Isto é, a Política da Boa Vizinhaça de Roosevelt tornava-se uma realidade concreta no Brasil nacionalista de Vargas através de uma verdadeira fábrica exportadora de ideologia. Segundo Tota (2000, p.19):

O americanismo pode ser mais bem entendido se analisarmos alguns de seus elementos mais importantes, que tomaram corpo nos Estados Unidos principalmente a partir da primeira metade do século XX. Um deles é a Democracia, sempre associada aos heróis americanos e, em especial, às idéias de liberdade, de direito individuais e de independência. A democracia, a liberdade e os direitos individuais estavam garantidos para todo o povo americano, superando diferenças de classe, credo e raça.

As relações pan-americanas da década de 1940 pautavam-se no ideal do *American way of life* (modo de vida americano), nos símbolos de progresso, que enalteciam o homem livre, capaz de transformar o mundo para alcançar o prazer do consumo. Tudo o que representava a concepção de progresso estava nas terras de Tio Sam: a ciência, a tecnologia, a racionalidade, a eficiência. Relacionar-se cultural e politicamente com esse governo traria um bem enorme para o fortalecimento nacional, na concepção do suplemento *Pensamento da América*. Em 30 de agosto de 1942, o artigo “A vocação idealista dos Estados Unidos” dava ênfase aos poderes de uma Nação que “cresceu e se desenvolveu dentro de um processo

¹⁵ Washington. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1942, p. 177.

¹⁶ O desabrochar duma cultura norte-americana. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1943, p.23.

democrático”, já que “o significado especial dos Estados Unidos, no panorama internacional do nosso tempo, é que eles são não só uma Nação poderosa, mas uma Nação democrática”, que abriga as maiores fortunas da terra¹⁷. Em função dessa tradição, o governo de Roosevelt tinha a prerrogativa de liderar os seus irmãos, sem esquecer, é claro, da solidariedade que os unia; dos seus laços culturais; da origem histórica dos seus povos.

Na publicação de 19 de dezembro de 1943, o artigo “Gente Americana”, deu conta de explicar os conceitos de raça – “um agrupamento biológico, baseado na morfologia e na psico-fisiologia”; povo – “o agrupamento de indivíduos da mesma raça ou de raças diferentes, portadores dos mesmos caracteres sociais”, por exemplo, língua e costumes; e nação – “o agrupamento em um solo determinado, de indivíduos que podem pertencer às diversas raças, a diferentes povos, mas que têm no conjunto os mesmos caracteres políticos”¹⁸. Em seguida, o autor pergunta se o Brasil poderia ser considerado “inferior” pelo fato de ocorrer as misturas das raças. A resposta dada ainda no mesmo parágrafo é “não”, pois a raça, dos três conceitos apresentados, seria o que menos influenciava na questão do desenvolvimento social e econômico. De fato, uma inversão conceitual até então apresentada por um discurso estatal, que na história do Brasil sempre menosprezou a capacidade mestiça do brasileiro. O autor finaliza dizendo que então “não temos unidade de raças, nenhum povo civilizado têm e não precisa disso”¹⁹. Maltratar e destruir os negros e índios era coisa do passado, não pertencia ao presente.

Entre 1942 e 1943, foram produzidas setenta matérias com o foco na latinidade e que traziam no título a referência direta aos países da América Central e da América do Sul. Dessa quantidade, apenas três traziam elementos da política, seis evidenciavam relações de fundo diplomáticas e sessenta tinham um foco cultural, artístico ou literário.

Ao analisar as matérias, percebe-se que as mesmas tinham, sobretudo, uma função de apresentar os países latinos para o público leitor do suplemento *Pensamento da América*. As características dos povos, a cultura, a língua, a organização política e geográfica, a história do Peru, Chile, México, Panamá, eram amplamente descritas nessas matérias. Ao mesmo tempo buscavam também traçar uma relação diplomática entre o Brasil e esses países latino-americanos, comungando de elementos que os aproximavam. O artigo intitulado

¹⁷ A vocação idealista dos Estados Unidos. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1942, p. 147.

¹⁸ Gente americana. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1943, p. 163.

¹⁹ *Ibidem*.

“Brasil e Chile: biografia de uma aliança”, publicado em 22 de fevereiro de 1942 dizia que “as fronteiras físicas não bastam para a vizinhança boa e leal. Cumpre marcar as fronteiras ‘espirituais’, que são as linhas de contato dos povos americanos.”.²⁰ A ideia que passava para o leitor era a de que a amizade entre Brasil e Chile vinha de tempos remotos – secular e ininterrupta - além de traçar semelhanças entre as câmaras municipais brasileiras e os cabildos ibero-americanos, confirmando a tese de que o suplemento *Pensamento da América* tinha uma função política-ideológica motivadora, capaz de construir entre os brasileiros um sentimento de orgulho por fazer parte da união continental. Essa identidade nacional empreendida pelo governo ao lado dos intelectuais e dos meios de comunicação, atrelada agora ao pan-americanismo, seria importante para solidificar o Estado Novo (1937-1945) e seus interesses de potência econômica na América.

A incidência de matérias entre os anos de 1943 até dezembro de 1945 ficou por conta das relações estreitadas com os Estados Unidos, sobretudo, por influência do acirramento internacional da Segunda Guerra (1939-1945). O período contou com 16 manchetes políticas estampando a primeira página, 12 diplomáticas e apenas 3 culturais. As manchetes políticas em geral estavam direcionadas aos acontecimentos em que os Estados Unidos estavam envolvidos. A manchete de capa do dia 31 de outubro de 1943, intitulada “A América na reconstrução do mundo”, apresentava a importância do governo “estadunidense” na “reconstrução do mundo democrático e livre” das amarras “totalitaristas”²¹.

De uma maneira geral, o “espírito americano” propagado durante os anos de 1943 e 1945 estava muito interligado às questões da Segunda Guerra, isso porque ocorreram nesse momento um acirramento do conflito e um maior apoio do Brasil a essas questões.

Assim, quando Getúlio Vargas firmou o seu propósito de luta ao lado dos Aliados, as matérias publicadas no suplemento *Pensamento da América* voltaram-se todas para uma linha de discurso homogêneo que favoreceu ao mesmo tempo o fortalecimento da Nação brasileira no interior das suas fronteiras e em todo o continente, sobretudo, nos países de origem latino-americanos. Uma Guerra, em que a luta se fazia em nome da defesa da “democracia” no mundo, não podia ser feita apenas nas esferas políticas, mas também pelo envolvimento da sociedade, através das questões culturais e folclóricas. A “democracia”

²⁰ Brasil e Chile: biografia de uma aliança. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1942, p.34.

²¹ A América na reconstrução do mundo. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1943, p. 129.

cantada nas poesias de Gabriela Mistral (chilena) ou nas prosas de Walt Whitman (“estadunidense”) não afetava o Estado Novo, por ser uma “democracia” aliada ao “espírito” da cooperação e da solidariedade.

A partir dos elementos selecionados pela ordem estadonovista e publicados no suplemento *Pensamento da América* ao longo dos anos de 1942 e 1945, foi traçada uma consciência nacional e continental. Logo, a importância de reafirmar os valores culturais que traziam amarras da cooperação, com os quais as populações pudessem se identificar e fortalecer, assim, a linha tênue entre Estado e nação. Nesse sentido, de acordo com Pierre Bourdieu (1989), o capital simbólico de um grupo social - sua língua, religião, artes, educação e hábitos - contribui para a integração da classe dominante, a partir do momento em que ele é construído coletivamente e os membros da sociedade se sentem identificados nele. O Estado Novo legitima e propaga a ordem política dominante assentado no *poder simbólico*, apropriando-se de uma realidade de forma distinta e implícita. Bourdieu (1989, p.124) explica:

O regionalismo (ou o nacionalismo) é apenas um caso particular das lutas propriamente simbólicas em que os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente e em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas; ou, se prefere, a conservação ou a transformação das leis de formação dos preços materiais ou simbólicos ligados às manifestações simbólicas (objetivas ou intencionais) da identidade social. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto reduzido socialmente à sua identidade social que está em jogo.

Constata-se nas opções de prosa e poesia selecionadas pelo suplemento (1942-1945), hierarquias e omissões favoráveis a ordem estabelecida, comprovando a perspectiva deste estudo de que existe no *Pensamento da América* diferenças na estrutura, linguagem e foco de atenção das matérias de produção latina e “estadunidense”. Os intercâmbios traçados entre o Brasil e os Estados Unidos eram pautados na lógica interpretativa do pan-americanismo da década de 1940. A aliança com esse país trazia ao Estado Novo uma força de coesão política muito importante para o “novo Estado” que se pretendia após 1937. A consolidação do “futuro” brasileiro estaria, portanto, pautada na sua relação com o governo “estadunidense”, não só nos enlacs políticos como também nos acordos econômicos que exaltassem a imagem do Brasil no cenário internacional.

Por outro lado, cruzando as interpretações apresentadas aqui, a intenção das produções referentes aos países latinos ao longo do suplemento seguia uma lógica de fortalecimento das relações diplomáticas brasileiras com o continente: uma identidade cultural ao mesmo tempo americana e brasileira, até então fora dos paradigmas que reinavam nas terras tupiniquins. O passado do Brasil, tão importante para amarrar as questões sociais e evitar possíveis rupturas na ordem histórica estabelecida, estava diretamente relacionado com a América Latina, com as origens ibéricas e com as lutas de independência. Por isso, a mitologia africana e indígena, recorrente em todos os países do continente, foram tão presentes ao longo do suplemento. A relação com os latinos foi tão importante quanto com os “estadunidenses”: o “passado” e o “futuro” faziam parte do projeto estadonovista e dos interesses do *Pensamento da América*, assim como o ideal pan-americanista.

Essa fase fecunda de intercâmbio cultural e político durou até o ano de 1945. Com o fim da Grande Guerra e a vitória da democracia liderada pelos Estados Unidos, ficou difícil para Getúlio Vargas empreender uma prática política moldada em ações autoritárias. Os pilares, que outrora sustentavam e financiavam o ideal de cooperação no Brasil, morreram com Roosevelt, e o propósito primeiro do *Pensamento da América* passou, até 1948, a se descaracterizar e a fugir da base ideológica de uma interpretação brasileira do pan-americanismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes de outros momentos da história das relações americanas, a citar o agressivo movimento expansionista dos Estados Unidos da virada do século XIX para o XX, inspirado nos preceitos do Destino Manifesto e da Doutrina Monroe, os anos iniciais da década de 1940 expressos no suplemento literário brasileiro *Pensamento da América* evidenciavam uma busca para tentar ocultar as contradições referentes às origens do pan-americanismo, primado no sentido comercial e imperialista.

Não fazia sentido para o governo nacionalista de Getúlio Vargas (1937-1945) se mostrar submisso ao interesse estrangeiro ou benevolente diante de acordos bilaterais que beneficiasse unicamente os Estados Unidos. Este estudou objetivou entender, justamente, um momento em que uma união continental foi traçada a partir de um discurso de cooperação política e cultural, ao invés da violência explícita do “grande porrete”. A imagem

do Brasil no continente americano era a de um lugar a se descobrir pelos brasileiros, pelos latino-americanos e “estadunidenses”. Portanto, as publicações do suplemento *Pensamento da América*, nos anos de 1942 a 1945, evitaram textos de ensaístas que enfatizavam uma oposição às ações imperialistas dos Estados Unidos. Nesse momento, o suplemento buscava refletir “as origens comuns” dos americanos e seus históricos planos de “solidariedade continental” e, por isso, não pretendia gerar uma oposição entre os latinos e os “estadunidenses”.

Seguindo essa lógica de hierarquias e omissões em prol de uma política pan-americanista, autores como o uruguaio José Enrique Rodó (1871-1917) não tiveram textos publicados ao longo do suplemento, entre os anos de 1942-1945, apesar da grande influência nos círculos acadêmicos e literários daquele momento. Em fins do século XIX, prevalecia entre alguns estudiosos de origem hispânica uma oposição aos modelos de promoção dos ideais de paz, democracia e progresso associado aos Estados Unidos e exportados para toda a América. Rodó qualificou, por exemplo, esse modelo estranho a realidade latino-americana como “nordomania”, atingindo diretamente a política imperialista praticada pelo governo “estadunidense”, em conformidade às contradições sociais geradas pela constante exploração econômica e cultural. De acordo com Eugênio Rezende de Carvalho (1998, p.12), “a crítica de Rodó se dirige às tentativas empreendidas por latino-americanos de negar seu próprio passado, sua própria história, e de buscar assentar suas raízes em solos estranhos, de culturas alheias, destoantes com sua própria realidade”.

O suplemento, além de fazer parte de um projeto político estadonovista, fundamentado no ideal de uma Nação forte e centralizada, foi também um importante elemento de propaganda pan-americanista. Logo, as omissões em prol da “boa vizinhança” eram uma constante. Os textos do “estadunidense” Waldo Frank (1889-1967), por exemplo, eram constantemente publicados no *Pensamento da América*²². Segundo Sônia Lino (2009), as ideias de Frank possuíam significativas repercussões no meio intelectual latino-americano durante a primeira metade do século XX. No entanto, nada foi dito sobre as críticas traçadas por ele contra a “materialidade” e a “vulgaridade” da sociedade americana.

Ao levar em conta que as relações de poder existem em uma realidade dinâmica do ser humano, perpassando por um diálogo entre indivíduo e sociedade, o suplemento

²² Cf. Waldo Frank. *Suplemento Pensamento da América*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1942, p.89. [Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 25, n°2, 2023. e-ISSN: 1982-3010.](#)

Pensamento da América expressou uma compreensão para além de uma simples ferramenta do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo. Nele, estava implícito a tentativa de poder que os intelectuais modernistas queriam exercer sobre a população brasileira; o controle exercido pelas decisões de Getúlio Vargas nas esferas nacionais; as hierarquias políticas e econômicas causadas pela Segunda Guerra Mundial. Isto é, uma relação de poder que de certa forma direcionava para o público leitor do suplemento qual caminho eles deveriam seguir e quais as consequências sofreriam caso tomassem um rumo diferente, afinal todos carregavam um laço cultural e histórico pan-americano, estando em uma mesma situação. Como explica Michel Foucault (2007, p.42), a relação de dominação é uma característica das sociedades humanas, onde “o poder não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade”. No Estado Novo (1937-1945), as investidas centralizadoras, pautadas nos discursos muitas vezes autoritários, deixavam mais explícitas esses poderes.

Enfim, manter o *status quo* do povo brasileiro sempre foi uma máxima dos governos deste País, desde a sua origem monárquica. Todo o ideal disseminado do *Pensamento da América* apontava para essa concepção ideológica: uma “união continental” pan-americanista em nome da “ordem” e do “progresso” do Brasil.

FONTE

Suplemento *Pensamento da América*. Jornal *A Manhã*: Rio de Janeiro, 1942-1945 (material microfilmado da Coleção Plínio Doyle, Fundação Casa de Rui Barbosa). Foi utilizada a versão digitalizada de acervo pessoal.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Juarez. *Três fases da imprensa brasileira*. Santos: Presença, 1960.

BERABA, Ana Luiza. *América Aracnídea: teias culturais interamericanas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 1989.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. Ideias e identidade na América: quatro visões. In: Encontro da ANPHLAC, 3, 1998, São Paulo, *Anais eletrônicos*, p. 1-19. Disponível em: http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/eugenio_carvalho_1.pdf. Acesso em: 15 nov. 2022.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. 24. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

LINO, Sônia. Onde está Waldo Frank? God bless a América Hispânica. *Est. Hist.*, vol. 22, nº.44, Julho-Dezembro de 2009.

MACHADO, Ronaldo. *Entre o centro e a periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos, 1944*. VI Encontro do “Brazilianisten-Gruppe in der ADLAF, Berlim, 2004.

MOLINA, Ana Heloísa. Fenômeno Getúlio Vargas: Estado, discursos e propagandas. *Hist. Ensino*, Londrina, v.3, p.95-112, abr. 1997.

NEVES, Livia Lopes. *Políticas da imagem e da escrita: aspectos da imprensa estado-novista em prol da política da Boa Vizinhança (1941-1945)*. *Revista Latino-Americana de História*, v. 1, n.1, janeiro de 2012.

REIS, Elisa P. O Estado Nacional como Ideologia: o caso brasileiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, 1998, p. 187-203.

SANTOS, Luiz Cláudio Villafañe Gomes. *O Brasil entre a América e a Europa: o império e o interamericanismo* (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo: editora UNESP, 2004.

TOTA, Antônio Pedro. *Capitalismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Recebido em 23 de novembro de 2022

Aprovado em 02 de maio de 2023.

